

**TITULO:** A PRIVATIZAÇÃO DAS TEMÁTICAS E DO DISCURSO DA ÁREA DE INFORMAÇÃO<sup>1</sup>

**AUTOR:** Lídia Silva de Freitas<sup>2</sup>  
;Error!Marcador no definido.

**RESUMO:** Relata parte dos resultados finais de pesquisa na qual, em busca do discurso dominante da área de informação (Biblioteconomia, Documentação, Arquivologia e Ciência da Informação) sobre a condição da informação na contemporaneidade, mapeou-se a frequência de recortes discursivos em significativa porção de títulos da produção acadêmica brasileira da área, além de idêntico levantamento na Base de Dados Bibliográficos LISA, para a produção internacional. Os recortes discursivos selecionados fornecem indícios de configurações discursivas em variados momentos históricos na área, assim como dos trajetos temáticos dos aspectos privilegiados no levantamento: o que mescla cultura, economia, política e ciência com a perspectiva histórico-sociológica. Constata que o discurso da Ciência da Informação, após um relativamente breve acolhimento de questões ligadas ao sociocultural, parece voltar-se para sua antiga abordagem operacional, porém *privatizando* mais seus objetos e objetivos de trabalho, aproximando perigosamente seu discurso acadêmico dos funcionamentos discursivos neoconservadores dominantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bibliocetonomia - Discurso; Ciência da Informação - Discurso; Informação e Sociedade

### Introdução

Em busca do discurso dominante do que aqui chamamos área de informação sobre a condição da informação na contemporaneidade, mapeamos a frequência de recortes discursivos em significativa porção de títulos da produção acadêmica brasileira da área, além de idêntico levantamento na Base de Dados Bibliográficos LISA, para a produção internacional. Os recortes discursivos selecionados fornecem indícios de configurações discursivas em variados momentos históricos na área, assim como dos trajetos temáticos dos aspectos privilegiados no levantamento: o que mescla cultura, economia, política e ciência com a perspectiva histórico-sociológica.

Parecia-nos que as atuais formas dominantes do traçado dos contextos sócio-históricos das práticas informacionais, redirecionavam os focos de prioridades – teóricas ou não – da área de informação: as chamadas “novas tarefas” dos profissionais ou cientistas da informação.

No próximo item, tecemos rápidas considerações metodológicas sobre o que sustentou nossos procedimentos, já que estes, longe de serem óbvios, podem gerar estranhamentos. Depois, apresentamos parte dos resultados e análise dos trajetos temático-discursivos da área de informação no Brasil, após o que, fazemos o mesmo para a literatura internacional. Ao final apresentamos algumas conclusões/provocações para nosso Foro.

---

<sup>1</sup> Baseado em parte dos resultados finais da pesquisa de tese de Doutorado em Ciência da Informação junto à Universidade de São Paulo (Brasil).

<sup>2</sup> Prof. Adjunto da Universidade Federal Fluminense.

## Observações metodológicas

Não interessava-nos analisar a totalidade do feixe temático-discursivo da área (se é que isso é possível) e sim o que entrelaça informação com cultura, política, economia e ciência, emoldurado por formas de abordagem dos contextos histórico-sociológicos das práticas informacionais. Como, por exemplo, *desenvolvimento*, adjetivado ou não, *progresso*, *terceiro mundo*, *pós-industrialismo*, *era* ou *sociedade da informação* ou *do conhecimento* etc.

Após longa exposição à literatura da área de informação – especialmente via análise de Sumários Correntes da área – chegamos a termos e expressões ligados ao discurso que analisamos em nosso *corpus*. Com estes termos e outros que emergiram durante o estudo concreto, analisamos variados recortes da literatura. Neste texto apresentamos apenas:

- A frequência dos recortes discursivos encontrados nos títulos de trabalhos apresentados em quatro Encontros Nacionais de Pesquisa da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIBs), como representativa da produção brasileira e
- A frequência dos recortes discursivos encontrados nos títulos, assuntos e resumos da literatura internacional coberta pela Base LISA – CD-Rom – desde sua criação até sua edição 2000, representando a produção internacional.

Se inicialmente o que nos impulsionou rumo a esta análise foi a necessidade de verificação de nossas impressões iniciais sobre a dominância de determinada discursividade<sup>3</sup> na área de informação, após iniciarmos levantamento nesse sentido, notamos que fazíamos mais do que isso: também encontrávamos indícios das configurações discursivas em variados momentos históricos da área, seus trajetos temáticos.

Os termos e expressões levantados não poderiam ser tratados simplesmente como *palavras*:

*[...] as palavras não significam em si. É o texto que significa. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa.* (ORLANDI, 1996, p. 52)

Reconhecemos os inúmeros riscos analíticos que corremos ao trabalhar com recortes retirados de seu contexto, porém buscamos mantê-los em suas redes de sentido<sup>4</sup>. Dominique Maingueneau (1993), um dos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, após listar as dificuldades teórico-metodológicas deste tipo de estudo, propõe algumas condições básicas para sua utilização controlada – que consideramos atendidas em nossa pesquisa:

1. *Trata-se apenas de uma **análise auxiliar**, destinada a **apoiar**, de forma localizada, um **estudo mais amplo**;*
2. *Os [...] termos-pivôs não [devem ser] escolhidos em função de um saber histórico anterior, **mas definidos durante a análise**.*
3. *O corpus assim delimitado não pratica nenhuma violência à realidade lingüística;*

<sup>3</sup> A discursividade de uma formação discursiva refere-se ao seu funcionamento, com suas estratégias de formação do efeito de evidência. Ou: discursividade é como os sentidos trabalham no texto. (cf. ORLANDI, 1996, p. 29)

<sup>4</sup> O tratamento “em bloco” que procedemos em nossa análise diacrônica, que buscamos controlar recorrendo aos dicionários internos da Base de Dados, selecionando os possíveis usos diferenciados que a área possa fazer do termo, etc. permite que afirmemos que possíveis pequenas inconsistências nos resultados individuais não alteram o **efeito analógico que buscamos nos gráficos** que representam as mutações históricas dos usos dos recortes discursivos escolhidos.

---

*efetivamente, não há neutralização da complexidade sintática e enunciativa, nem eliminação do contexto [...] (MAINGUENEAU, 1993, p. 135-136, grifos nossos)*

Outro aspecto interessante desse tipo de análise é também ressaltado por este autor: pode-se detectar historicamente a emergência de termos e os diferentes usos em processos que envolvam correlações de forças no jogo social (cf. p. 137).

E, surpreendentemente, em nossa observação de grandes massas de dados quantitativos – especialmente da base Lisa –, notamos o quanto a recorrência terminológica em séries quase sempre mais estáveis do que instáveis, mesmo em suas mutações, apontava o histórico. Quantitativo que confirmava o qualitativo de nossos recortes.

Finalizando estas considerações metodológicas, sentimo-nos obrigados a ressaltar uma questão aparentemente apenas ética mas com profundas implicações teórico-metodológicas assumidas e estudadas pela Análise do Discurso.

Os textos analisados, os recortes discursivos efetuados, as formações discursivas delimitadas etc. foram determinados duplamente pela fundamentação teórica das temáticas neles envolvidas e pelas relações com nossa própria memória discursiva. Para o analista as *interpretações são atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados.* (PÊCHEUX *apud* NUNES, 1997<sup>5</sup>)

A interpretação que é relatada neste trabalho a partir daqui é a nossa. Sempre haverá outras. Assumimos estas análises como leituras: na detecção e análise das formações discursivas, na seleção e categorização dos recortes textuais e na análise final dos dados assim obtidos. Ressaltamos, porém, que para estas leituras são encontrados estes resultados.

### **As formações discursivas<sup>6</sup> encontradas e seus recortes**

Em nossas análises encontramos determinadas marcas discursivas nos textos que buscavam inserir as práticas informacionais em contextos sócio-político-econômicos. Ligamos estas marcas às formações discursivas que caracterizamos, grosso modo, para as décadas de 60/70 e até meados de 80, como:

- Progressista humanista: com sentido de progresso contínuo de uma humanidade genérica, com as marcas do discurso evolucionista e cientificista.
- Desenvolvimentista: com sentidos aparentados com a anterior, mas ligado a propostas de intervenções políticas – planejamento – baseadas em análises de processos econômicos internos e internacionais.
- Reformista: com sentidos ligados a preocupações sociais e políticas de democratização e socialização dos processos informacionais e educacionais, além de soluções sociopolíticas via iniciativas culturais.
- Culturalista erudita: sentidos estabelecidos via discurso mais elitista do que o anterior; salvacionismo cultural, de viés autoritário (como analisado em FREIRE, 1989 e em PERROTI, 1990)
- Crítica socialista – discurso à esquerda, baseado no materialismo histórico. (minoritário na área)

De meados da década de 80 e nos anos 90 vemos emergir com força na área de

---

<sup>5</sup> Nunes não fornece a referência correta do texto citado de Pêcheux.

<sup>6</sup> A formação discursiva determina o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social historicamente determinado em uma conjuntura dada.

informação a formação discursiva que caracterizamos como dos *Novos Tempos*, aglutinando as discursividades da *Sociedade* ou *Era da Informação, do Conhecimento* e as descrições que dão por encerrado o industrialismo como gerador de valor e representações imaginárias.<sup>7</sup>

Agrupamos os recortes discursivos, que se agregavam ao conjunto no decorrer da pesquisa, por categoria analítica, que, ao final, apresentava-se assim:

### **DISTRIBUIÇÃO DOS RECORTES POR CATEGORIA ANALÍTICA**

#### **1 – CULTURAIS**

Cultura	Arte	Leitura/leitor
Educação	Escola	Adolescente
Conhecimento/saber	Criança/infância	Biblioteca universitária
Ensino	Família	Carro/barco/caixa biblioteca
Biblioteca pública	Biblioteca escolar	
Literatura de cordel	Ação cultural	
Biblioteca comunitária	Bibliotecário-animador	
Centro cultural		

#### **2 – CIENTÍFICOS**

Epistemologia	História	Metodologia
Teoria	Conceito	Discurso
Filosofia	Ciência da Informação	Pesquisa ação/participativa
Imaginário	Capital/capitalismo	Interdisciplinaridade
Crítica	Paradigma	
Estado-da-arte	Sujeito	

#### **3 – POLÍTICOS**

Movimentos sociais/ organismos comunitários	Social/sociedade	Socialização da informação
Democratização da informação	Direito à Informação	Direitos
Comunidade (não de usuários)	Cidadania	Utopia
Ideologia	Popular	Política (policy)
Cooperação	Governo	Estado
Meio ambiente	Política (politics)	
Memória	Maioria da população	O público
Conflito	Interesse público	Censura
Bem comum	Direitos humanos	Ética
Participação	Compromisso social	Nova Ordem Inf. Internacional
Morador	Partido dos trabalhadores	Campanha eleitoral
Empregada doméstica	Mulher/gênero	Camadas populares
Ergonomia	Fadiga	Qualidade de vida
Contradição		

#### **4 - PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIOLÓGICA**

<b>Perspectivas tradicionais</b>	Sociedade industrial	<b>Perspectivas emergentes</b>
Desenvolvimento (geral)	Desenvolvimento social	Sociedade da informação
Desenvolvimento tecnológico	Países em desenvolvimento	Economia do conhecimento
Desenvolvimento econômico	Terceiro mundo	Pós-moderno
Países menos desenvolvidos	Países industrializados	Sociedade pós-moderna
Países de industr. tardia	Tecnologia apropriada	Pós-industrial
Sociedade dependente	Subdesenvolvimento	Sociedade do conhecimento
Países pobres	Países subdesenvolvidos	Globalização
Dependência tecnológica	Desenvolvimento científico	

<sup>7</sup> Em Freitas (2002) analisamos as relações entre este discurso e a área de informação.

## 5 - ECONÔMICO-GERENCIAIS

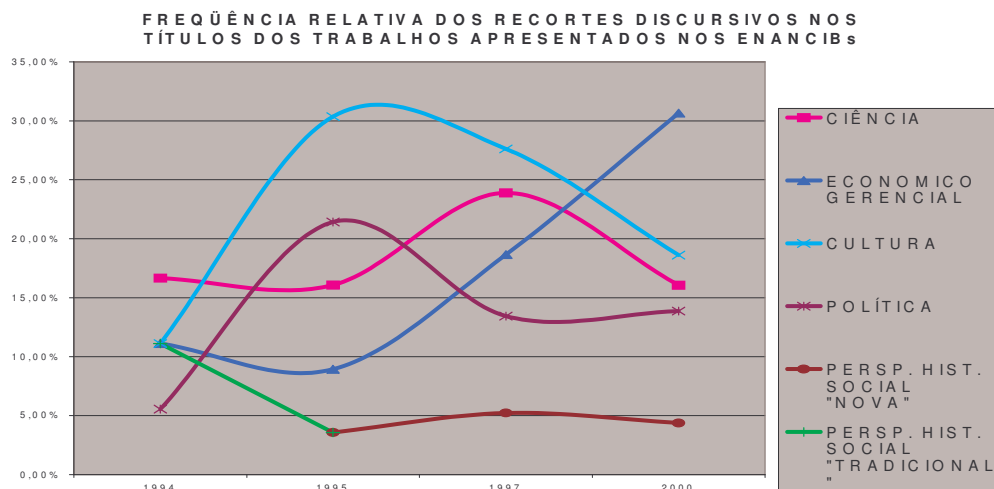
Mercado	Competitividade	Organização
Cliente	Valor-agregado	Qualidade
Gestão/gerencial	Gestão/gerenciamento	Gestão do conhecimento
Empresa	Indústria	Apoio à decisão
Conhecimento (fator de prod.)	Valor	Missão
Setor produtivo	Negócio	Inteligência competitiva
Consumidor (de inform.)	Empreendedor (...dimento)	Inform. como commodity
Custos	Comercialização da inform.	Reengenharia
Finanças	Informação Gerencial	Economia da informação

### Trajetos discursivos da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil

Para exemplificar a produção textual da área de informação no Brasil, neste texto abordaremos apenas os dados dos encontros periódicos da ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação).<sup>8</sup> Seu núcleo inicial derivou de reuniões dos coordenadores dos cursos de pós-graduação da área de informação do Brasil, que datam do final da década de 70.

Analisemos a frequência histórica de nossa seleção de recortes discursivos encontrados nos títulos de trabalhos apresentados nos Encontros da ANCIB<sup>9</sup>.

#### GRÁFICO 1



Fonte dos dados primários: Anais dos ENANCIBs.

Novamente encontramos o econômico-gerencial como um dos poucos aspectos em crescimento na área. Vê-se que, mesmo com um novo GT e uma problemática científica em ascensão – a epistemologia – a discursividade científica cai. Nos títulos, as perspectivas histórico-sociais tradicionais desaparecem em 1995, substituídas pela dos Novos Tempos, que proporcionalmente também não cresceu entre os últimos Encontros.

Como vimos constatando na CI no Brasil, há um processo de *privatização dos sentidos* em suas pautas temáticas e formas de abordagem, comumente acompanhado por hipóteses

<sup>8</sup> Esta escolha se deveu à representatividade das tendências constatadas nas demais frentes estudadas na pesquisa.

<sup>9</sup> Nos trabalhos por nós analisados incluímos as palestras realizadas por considerarmos que, além de demonstrarem as prioridades dos organizadores, fazem parte do conjunto textual daquele encontro.

sobre a contemporaneidade que respaldam tais redirecionamentos, a discursividade dos *Novos Tempos*. A novidade da emergência das reflexões voltadas para o caráter científico da CI, tanto em seus aspectos de verdadeira Ciência Social quanto em seus aspectos epistemológicos, que vem se firmando principalmente junto ao Programa de Pós-graduação IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), parece se desenvolver e funcionar no seio das contradições da área, com fortes indícios de ameaças, num futuro breve, à sua continuidade, mantidas as condições políticas atuais. Da mesma forma, ao lado de um aparentemente ainda grande interesse dos profissionais da informação pelas relações entre informação e sociedade, vemos tendências ao estreitamento dos seus espaços institucionais de execução.<sup>10</sup>

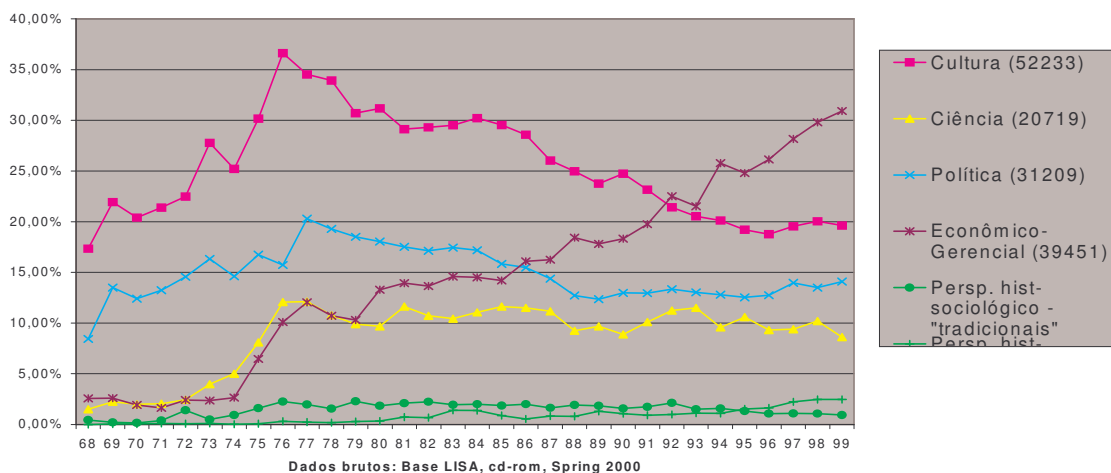
### Trajeto temático-discursivos internacionais da Ciência da Informação

Podemos dizer que os discursos e temáticas da área de informação no mundo percorreram os mesmos caminhos e vêm apontando para as mesmas direções que constatamos no Brasil? Buscamos indícios da discursividade internacional da área recorrendo à Base LISA, que desde a década de 60 vem indexando a literatura internacional em CI e Biblioteconomia.<sup>11</sup>

Trabalhamos basicamente com os mesmos recortes discursivos, cotejados com a linguagem de indexação utilizada pela fonte. Como nesta Base era tecnicamente viável o trabalho com outros campos que não apenas o do título, buscamos trabalhar também no nível dos assuntos indexados ou na forma de busca que a Base intitula de *free text*, ou seja, busca em qualquer campo, incluindo os resumos dos artigos e/ou dos (poucos) livros tratados pela Base.

### GRÁFICO 2

LITERATURA INTERNACIONAL - FREQUÊNCIA DOS RECORTES DISCURSIVOS POR CATEGORIA



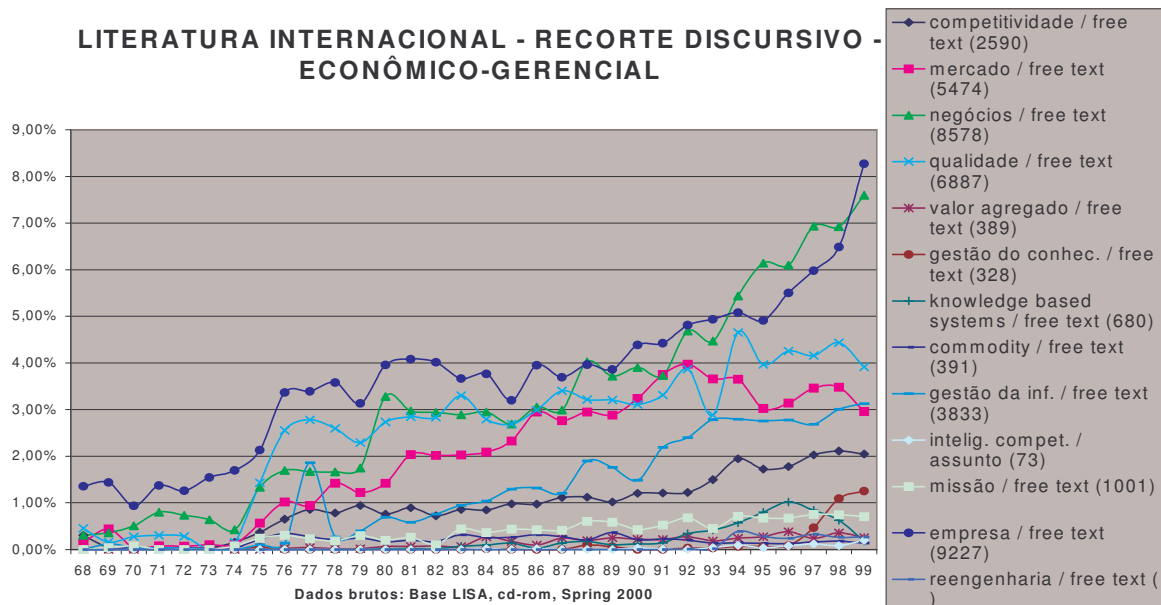
<sup>10</sup> Apesar de iniciativas como o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação e Sociedade (NEPIS) da UFMG.

Vemos um relativo *boom* do político, do cultural e do científico em meados da década de 70, quando grande parte do mundo experimentava traumas políticos e transformações importantes, o que parece refletir-se no aumento da produção não técnica da área. Tais abordagens sofrem um processo de estagnação a partir dos anos 90.

Ainda assim, nota-se que a área pouco trata das questões mais políticas de seu objeto, como alertado por Frohmann (1995). Apesar da baixa ocorrência proporcional da discursividade política, ela se apresenta mais constante na literatura internacional do que nas fontes brasileiras analisadas.

A discursividade econômico-gerencial, que na década de 80 alcançava níveis de frequência comparáveis com a discursividade política área de informação da década de 70 e muitíssimo inferior aos discursos culturais das duas décadas, nos anos 90 apresenta um crescimento que os ultrapassa de longe. A discursividade mais típica da Biblioteconomia é sobrepujada pela da ótica da Ciência da Informação (FREITAS, 2003), porém com sentidos mais “privativados”, como vemos no **Gráfico 3**, onde os recortes discursivos da categoria econômico-gerencial aparecem individualizados.

### **GRÁFICO 3**



Vemos ainda no gráfico acima, a emergência de termos e expressões que mais recentemente vêm povoando também os discursos no Brasil. Note-se que mesmo recortes envolvidos com representações econômicas nada recentes, como *negócios*, *mercado*, *empresa* etc. aumentam em muito sua utilização, demonstrando um claro redirecionamento de temáticas e/ou abordagens, já que seu crescimento não se liga a alguma *novidade terminológica*.

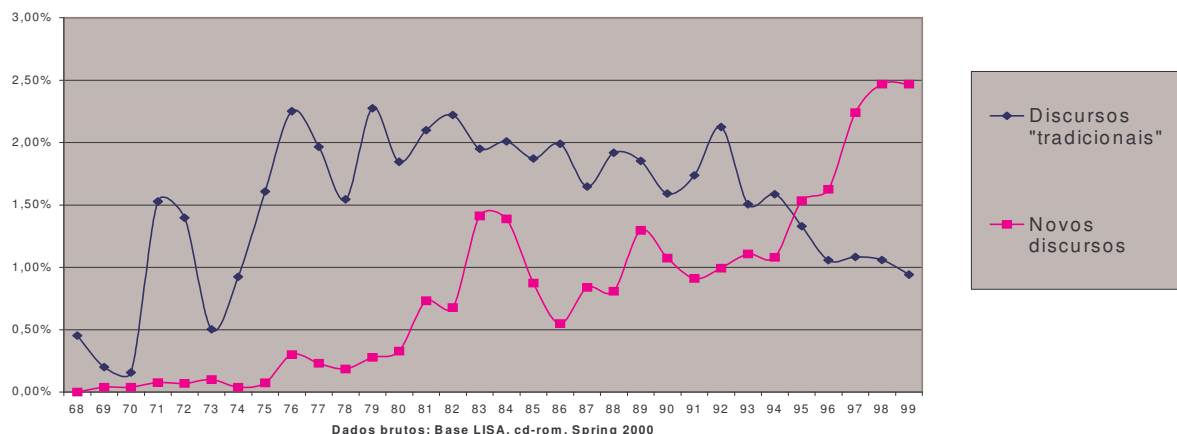
Para detectarmos afinal os sentidos dominantes nas perspectivas histórico-sociológicas

<sup>11</sup> Todos os dados do LISA foram tratados como percentuais dos totais das referências anuais, não pelo interesse de buscar seus pesos relativos, mas, fundamentalmente, como forma de tornar os dados comparáveis entre anos com

agregamos os sentidos mais "tradicionais", como da discursividade do *progresso*, do *desenvolvimento* etc. com as caracterizações emergentes de *sociedade* ou *economia da informação, do conhecimento* etc. Analisando mais detidamente as transformações da forma de abordagem histórico-sociológica, notamos que os discursos que procuram dar contornos históricos e/ou sociológicos às práticas de informação não são freqüentes na área, vide os baixos índices obtidos para o conjunto de caracterizações selecionadas, ainda se somadas anualmente. Nota-se a predominância inicial, e que se mantém até início dos anos 90, da discursividade do desenvolvimento. A partir daí, novas caracterizações passam a figurar com mais freqüência nos textos. Entre outros exemplos, vemos o efeito-propaganda de algumas formas de abordagens pós-eventos, como *terceiro mundo* (1975, Encontro das Ligas das Bibliotecas Européias), *pós-moderno* (encontro do LIBER), *Sociedade da Informação* (1984, Reunião da ASIS) etc.

#### GRÁFICO 4

##### LITERATURA INTERNACIONAL - RECORTE DISCURSIVO - PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIOLÓGICA - DISCURSOS "TRADICIONAIS" x NOVOS DISCURSOS

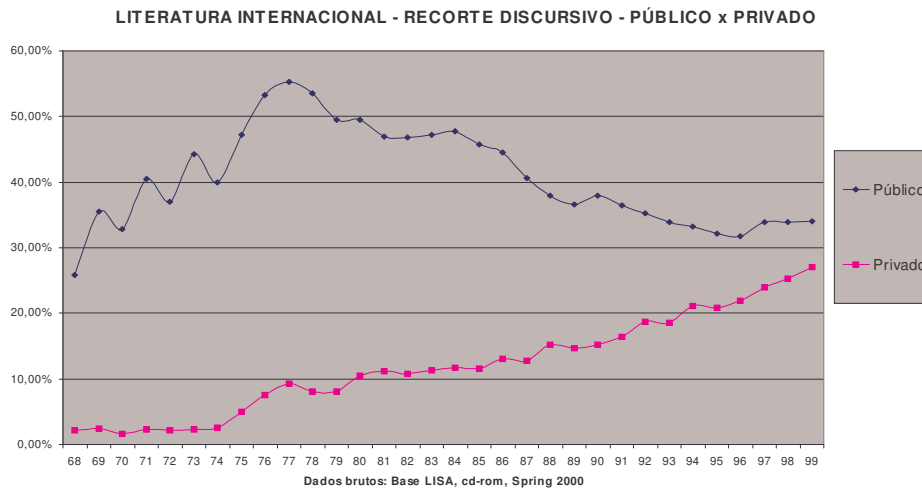


Se vemos a discursividade "tradicional" dominando amplamente até início dos anos 80, a partir de meados dos anos 80 começam a ganhar força as novas discursividades, que passam a dominar nos textos internacionais da área de informação em meados dos anos 90. Notamos que essa reviravolta dos sentidos histórico-sociológicos é concomitante à grande consolidação da discursividade econômico-gerencial em torno dos *negócios* e das *empresas*.

Aglutinamos, então, todos os recortes discursivos ligados às formações discursivas que, ainda que diversas entre si, têm a perspectiva do *público* ou de uma coletividade em suas abordagens. Ou seja, somamos todos os recortes que categorizamos como culturais, assim como os políticos e os ligados à discursividade do desenvolvimento, que claramente envolve de alguma maneira o coletivo. Também somamos todos os recortes que se ligam ao que aqui chamaremos de *empreendedorismo privado*, pertencentes todos à categoria econômico-

gerencial.

### GRÁFICO 5



Mantidas as atuais tendências, já pode haver se dado uma inversão da discursividade dominante na área de informação no nível internacional. Se internacionalmente esta inversão se gesta ao longo dos anos 80, no Brasil ela parece se dar de forma mais abrupta nos anos 90. E, se vemos uma estagnação dos sentidos culturais e políticos na literatura coberta pelo LISA, tememos que no Brasil estes sentidos sejam praticamente banidos da discursividade da área.

### Conclusão

Nesses resultados divisamos a **história**, mas também divisamos indicações da inconteste **historicidade** dos textos – seu caráter de monumento – nos quais os recortes isolados confirmam seu efeito de operadores de memória.

Nas séries históricas pudemos vislumbrar os autores sendo "convocados historicamente" dentre os sujeitos para "dizer" aquele dizível naquela quantidade de vezes.

Como vimos na análise da literatura internacional, para a qual tivemos a possibilidade técnica de recuperar maiores extensões textuais do que na literatura brasileira analisada – surgindo mais claramente a discursividade sobre o contemporâneo -, a ascensão da discursividade econômico-gerencial na área de informação se faz acompanhar da ascensão da discursividade histórico-sociológica emergente, que a justifica e fundamenta.

Neste levantamento, como em nosso esboço arqueológico da área de informação (FREITAS, 2003), encontramos mais rupturas e diversidade nos sentidos de seus discursos do que poderia ser descrito como uma *evolução*, tão afirmada em sua historiografia. Os apagamentos de sentidos, que aparecem na forma de perda de vigência de palavras ou de redirecionamento de sentidos das mesmas palavras, ocorrem junto com a emergência de outros sentidos, construindo a teia que analisamos. Nesse processo não há um *continuum* e sim rupturas discursivas (sempre ideológicas) que correspondem às as lutas sociais.

O que e quem está ficando fora do discurso da área de informação? O acontecimento

do *novo* desse discurso apaga que *velho*? Apaga ou silencia? Seus sentidos na história também são apagados ou só seus sentidos no discurso? Estão *globalizadas* as posições sócio-históricas e ideológicas dos enunciadores? Se não, onde explodirão esses outros sentidos?

O discurso da Ciência da Informação, após um relativamente breve acolhimento de questões ligadas ao sociocultural, parece voltar-se para sua antiga abordagem operacional, porém *privatizando* mais seus objetos e objetivos de trabalho. Se antes suas legitimações se pautavam no *progresso e/ou desenvolvimento* – perspectiva do público –, hoje se voltam para a perspectiva explicitamente privada da *empresa* e dos *negócios*, apagando-se o cultural, o político e, muitas vezes, o científico. Tal redirecionamento acompanha a ascensão das caracterizações histórico-sociológicas emergentes nos textos da área – *Era ou Sociedade da Informação* –, que o justificam e fundamentam, aproximando perigosamente o discurso acadêmico da Ciência da Informação dos funcionamentos discursivos neoconservadores dominantes.

## Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, p.25-42, jul.-dez. 1990.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Autores Associados / Cortez, 1989. p. 22-35.
- FREITAS, Lídia Silva de. Sentidos da história e história dos sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. *Morpheus: Revista de Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, n.2, 2003. Disponível em: <http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero02-2003/lidiafreitas.htm>
- \_\_\_\_\_. A memória polêmica da noção de Sociedade da Informação e sua relação com a área de informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 12, n. 2, jul. 2002. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/>
- \_\_\_\_\_. *Na teia dos sentidos*: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação. Tese de Doutorado em Ciência da Informação. ECA-USP, jun. 2001. Orientadoras: Maria Helena Pires Martins (USP) e Tânia C. Clemente de Souza (UFF).
- FROHMANN, Bernd. *Taking information policy beyond information science applying the actor network theory*. Paper apresentado no 23<sup>rd</sup> Annual Conference of Canadian Association for Information Science. Edmonton, Alberta, jun. 1995. (print)
- GUILHAUMOU, J., MALDIDIER, D. Efeitos do Arquivo: a análise do discurso do lado da história. In: ORLANDI, E.P. (org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994(b). (Repertórios) p. 163-183.
- LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE ABSTRACTS (LISA PLUS). United Kington: Bowper Saur, Spring 2000. Compact Disk, Digital Data NLM0003-4. ISSN: 0966-8799.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Pontes, 2<sup>a</sup> ed., 1993.
- NUNES, José Horta. Janelas da cidade: *outdoors* e efeitos de sentido. *Escritos*, Campinas, n. 2, p. 13-25, 1997.
- ORLANDI, Eni P. (Anotações de aula durante o Mini-Curso *O discurso e o estatuto teórico da interpretação*, ministrado por Orlandi, em setembro de 1998, IACS-UFF) 1998(c).

\_\_\_\_\_. Discurso e Argumentação: um observatório do político. *Revista de Letras de Florianópolis*, Florianópolis. No prelo. cópia mimeo. 10 p. 1998(b)

------. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996. 150 p.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento Cultural, Infância e Leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

SILVA, Benedicto. (org.) *Da documentação à informática: Seminário de 24 a 27 de novembro de 1971*. Rio de Janeiro: FGV, 1974.